MAIO, MÊS DE FLORES...

Sumário

Foto F. Pozal

Obra das Mãis pela Educação Nacional

«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

BOLETIM MENSAL MAIO / 1940

N.º 13

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina, Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8. — Telefone 4 6134 — Arranjo gráfico, gravura e impressão de Neogravura, Ltd.ª, Travessa da Oliveira, à Estrêla, n.os 4 a 10 — Lisboa

ASSINATURA AO ANO: 12$00 PREÇO AVULSO 1$00

Palavras que nos honram

Um moralista escreveu esta sentença: "a vida não é feita para ser vivida, mas para ser vencida".

Deveria antes dizer-se: a vida é para ser vivida no amor de um Ideal e para a sua victória.

Deus, Pátria e Família — eis o ideal de vida a Mocidade Portuguesa Feminina adoptou.

É-me gratíssimo afirmar, em público testemunho de louvor, no primeiro aniversário do seu Boletim, que este, reflectindo a fidelidade da Organização ao Ideal, tem sabido, perseverantemente e luminosamente, impregná-lo na inteligência e no coração das futuras mães de Portugal!

Lisboa, 13 de maio de 1940.

António Carneiro Pacheco

O PÃO NOSSO DE CADA DIA...

Olhai ai, agora, os campos, todos verdinhos, a espreguiçarem-se por campinas planas e outeiros, a ondularem, a crescerem, a prometerem mil farturas...

Pão para as nossas mesas, pão para as nossas bocas...

Deus o dê em abundância, o pão, para que chegue um bocadinho, cada dia, para tôda a boca que o pedir.

Fartura de pão, — bênção do Senhor.

Graça de Deus — o pão de Deus. **Deo grátias!**

«O pão nosso de cada dia nos dai hoje» — ensinou-nos o Pai dos Céus, por Cristo, a pedir-Lho...

E o pão é semeado, cresce em verdura, aloira, a doirar as veigas, e é magoado nas eiras, em agôsto, pelos mangoais — e vai ao fôrno, e cai-nos na mesa, cada dia... cada dia...

...e tão pouco o pedimos a Deus

...e tão pouco Lho agradecemos... e há até quem se recuse...

...e quem se esqueça...

"O pão nosso de cada dia nos dai hoje, Senhor"

• • •

Searas verdinhas cheias de vida: — primavera alegre, prometedora — mocidade cantante, esperançosa, Deus no-la dê boa e farta de tôda a virtude e de tôda a candura. Deus no-la conceda para nosso bem e nossa alegria.

Pão feito vida, vida cheia e plena de tôda a obra boa — vidas ricas, tesoiros fecundos, ubérrimos... o venham a ser todos os corações das raparigas de Portugal.

Que o Céu no-lo conceda, por nosso bem e para nosso bem: — homens e mulheres nascidos de mocidades lindas, castas e discretas de hoje, trabalhadas à luz de Deus, ao sol de Deus e de Portugal, nesta hora moça de oito séculos de idade...

«dai-nos, hoje, Senhor, esta mocidade... faz-nos ela mais falta, do que o mesmo pão da boca que tanta falta nos faz...

dai-nos, Senhor, cada dia, para nossa vida e confiança, esta mocidade virgem, cheia de primavera: trabalhadora, caseira, que goste do sacrifício — de invernias e de calores estivais — e do dever de cada hora, respeitadora, cuidada e elegante, mas sem se «armar» —

uma mocidade feminina que saiba cumprir àmanhã no lar (cumprir, Senhor) e que sirva (que saiba o que é **servir**) a todos: a família, a Pátria e a Vós...

uma mocidade cem por cento mocidade, e cem por cento feminina...

«O pão nosso de cada dia...»

«Uma mocidade nova, nova, Senhor...»

...**nos dai, hoje...».**

• • •

Searas verdes, campos fartos... Eirados e celeiros cheios... **Bemdito seja Deus!**

Ó mocidade — seara do presente... Ó mocidade — celeiro do futuro...

Cresce, cresce, cresce... sob a bênção de Deus e de Portugal

O Senhor Deus te guarde, ó Mocidade, nossa Esperança...

Cresce e floresce e dá fruto: — em Virtude, em Heroísmo, em Santidade...

na graça de Deus e para bem da Nossa Terra.

• • •

«O pão nosso de cada dia... nos dai hoje, Senhor...»

e que o coma à Vossa mesa a alma nova feminina de Portugal — e que o Vosso pão, Senhor,

seja alento e fôrça e graça e luz e paz.

"O pão nosso de cada dia..."

NO nosso 1.º aniversário, nesta data que, em família, é uma festa, não podíamos deixar de prestar homenagem no nosso Boletim àquela que tem o nosso coração no seu coração, àquela de quem a Mocidade Portuguesa Feminina tem recebido a inspiração que a faz grande e os sacrifícios que a teem fecundado: a Ex.ma Senhora Dr.a Maria Baptista dos Santos Guardiola, Comissária Nacional da M. P. F.

Não vimos aqui fazer o seu elogio — que nos parece que ficaria descabido na intimidade carinhosa do nosso Boletim; vimos apenas dizer-lhe que a Mocidade Portuguesa Feminina está com ela num só coração e numa só alma e que esperamos que a nossa dedicação, o nosso respeito, a nossa confiança e o nosso reconhecimento lhe serão consolação nas suas amarguras e recompensa dos seus trabalhos.

E porque esta página é quási uma carta particular que lhe escrevemos — embora seja uma carta aberta... — propositadamente escolhemos para a acompanhar uma fotografia «instantânea», tirada de surpreza, que a apanha na atitude maternal de quem se revê na sua querida Mocidade.

Há um ano que apareceu o primeiro número do nosso Boletim.

Não é ainda longo o seu passado, mas uma vida não se conta só em anos.

Podem os anos ser muitos e a vida ser pequena na sua inutilidade; podem os anos ser poucos e a vida ser grande na repercursão eterna das suas obras.

O nosso Boletim, que apareceu em Maio — nêsse mês duplamente abençoado para Portugal, pela aparição de Nossa Senhora em Fátima e pela Revolução Nacional — esperamos que não tenha sido indigno do olhar d'Aquela sob a protecção de quem se colocou, como temos a esperança que tenha servido a "Revolução„ de paz que, no dizer de Salazar, continua e continuará até que a verdade e o bem tenham triunfado completamente e uma maior felicidade reine na nossa terra.

Bem pequenina terá sido talvez a nossa cooperação no levantamento da sociedade portuguesa; mas o esfôrço de muitos é a vitória de todos.

Por maior que seja o valor e o espírito de sacrifício daquêles que dirigem a nossa Pátria, se cada um de nós não ajudar, no lugar que a Providência lhe marcou, faltará sempre alguma coisa... será sempre obra incompleta.

A "Mocidade„ nasceu para serviço da Pátria, da Pátria que se serve com o nosso trabalho e se engrandece com as nossas virtudes. E o nosso Boletim foi criado para ser um elemento de formação e um meio de união dessa "Mocidade„ que só será forte se fôr unida.

A nossa missão parece-nos que temos procurado cumpri-la. Hoje, como há um ano, o nosso Boletim só tem um desejo: servir, ser útil, ser uma luzinha a guiar-vos e a alegrar-vos — raparigas da Mocidade!

LICEU MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO, CENTRO N.º 1

Universitárias na aula de culinária

Em várias Delegacias da Mocidade Portuguesa Feminina têm estado a funcionar os Cursos de Graduadas.

Esses cursos, que pretendem dar ás Filiadas que passam a ter responsabilidades de Dirigentes, uma formação mais aperfeiçoada, obedecem ao seguinte programa:

Formação moral e religiosa, dentro dêste tema lindo: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida».

Formação nacionalista, para que cada portuguesa tenha a devoção da Pátria e se integre no plano da restauração nacional que se está realisando, dando-lhe com entusiásmo e espírito de sacrifício a sua colaboração dedicada.

Cultura física, jogos, e desportos, e a parte de comando e disciplina necessárias para o desempenho das funções especiais de Graduadas.

Canto coral, com o carácter educativo, regionalista e patriótico que faça tirar dêste ensino todo o proveito tido em vista nas finalidades do curso.

Higiene, para utilidade das próprias filiadas e para o bem social.

Puericultura, êsse complemento essencial de tôda a educação feminina.

Ensino doméstico — culinária, arranjo de casa e arranjo de roupa (ministrado do modo prático que as fotografias destas páginas mostram).

As filiadas preparam os alimentos, cosinham-nos e... comem-nos!

Mas, às vezes, as refeições que preparam — tão apetitosas, tão bem apresentadas e cheirando tão bem que me fizeram crescer água na bôca... — são distribuidas pelos pobrezinhos, como o fazem, por exemplo, as Graduadas Universitárias de Lisboa, que todos os domingos oferecem o almôço que cosinharam a 20 *ardinas*, fora os mais que ainda comem o que cresce...

Assistimos ao almôço de que publicamos hoje as fotografias e não sei se nos banquetes serão servidos manjares que saibam melhor do que o caldo verde e o bacalhau à «Gomes de Sá» que os garotos devoraram sob os meus olhos!

E decerto não existem *cordons-bleus* que sirvam à mesa como as filiadas de M. P. F.: tão atentas, tão carinhosas, e tão maternais para os pobrezinhos!

Maria Joana Mendes Leal

Universitárias servindo o almoço aos ardinas

Rosas

TODAS as flores são belas, mas a rosa tem a primasia sôbre tôdas.

A liturgia, querendo dar à Virgem Imaculada um nome de beleza, chama-lhe «rosa mistica».

Os artistas abrem rosas na pedra — e a pedra espiritualisa-se.

Nos capitéis das colunas das catedrais magnificas as rosas enfloram de graça a pedra severa e fria.

E nas fachadas grandiosas rosáceas de vitrais coloridos iluminam com uma luz transfigurada o interior do templo.

Há rosas nas telas dos Mestres. E há rosas nas obras humildes daqueles que não deixam nome.

Há rosas bordadas a ouro nos tecidos preciosos com que se vestem os ministros da Igreja. E rosas nos estofos e na talha do mobiliário dos salões.

Há rosas no colo das princezas... E rosas sôbre o seio das pastoras...

Nos dias de festa, as rosas levam com elas os nossos desejos de felicidade. E sôbre os túmulos as rosas desfolham-se, chorando connosco.

O Papa, quando quere honrar uma soberana, oferece-lhe uma rosa de oiro.

Há rosas nos braços das noivas... Rosas nos toucados das crianças... E são ainda de rosas as coroas daquelas que se consagram a Deus.

Há rosas nos altares... Rosas na nossa casa... E quer seja de cristal ou de barro o vaso em que as metemos, as rosas são sempre belas.

Há rosas na literatura — em imagens delicadas em que as palavras são pétalas de flores.

Caem rosas do céu em graças pelas mãos de St.ª Teresinha, a Santa das Rosas. E há rosas no regaço da Rainha St.ª Isabel — rosas que ainda hoje são pão dos pobres e alegria das almas.

Há rosas nos pés da Virgem Santissima ao aparecer em Lourdes — e há rosas no seu Coração que uma espada atravessou.

Há rosas nos jardins; rosas que enlaçam as árvores e cobrem as paredes; rosas em macissos e em grinaldas — e são tantas, são tantas, que parece que a terra foi recreada, purificada e santificada pela bênção de Deus!

Há rosas nas sebes dos caminhos — sorriso de Deus no degredo desta vida.

— Bemdito seja Ele por ter deixado no mundo rosas entre espinhos!

COCCINELLE

ALGUMAS JÓIAS DA
INFANTA D. MARIA

ESCREVER sôbre a última filha do "Venturoso", depois do carinhoso estudo a que a Senhora Dona Carolina Michaellis de Vasconcelos lhe dedicou, é tarefa difícil. Só a pêna de uma mulher que, além de extremamente culta, também soube ser Mãi, podia descrever, com as devidas tintas, essa outra Mulher — cheia de abnegação e sujeita tôda a vida à política superior do seu país. Limitar-me-ei, pois, a descrever algumas das jóias que lhe pertenciam, as quais, assim como a sua enorme fortuna, desapareceram, presas de mãos pouco honestas.

Diz o Documento, donde extraio estas notas e que será publicado num trabalho sôbre a Infanta D. Maria que tenho quási terminado, que as jóias e peças de ouro, constantes dessa relação, foram tiradas por Dom António, Prior do Crato, "no tempo do seu alevantamento", dos Mosteiros de Nossa Senhora da Graça em Santarém e Santo Elói em Lisboa, onde estavam depositadas.

Os documentos até hoje encontrados não nos permitem negar ou afirmar esta asserção, mas podemos, talvez, pô-la em dúvida, atendendo a que nessa relação se descreve um Livro de Horas de Nossa Senhora, em pergaminho, escrito à mão, iluminado, com os cantos guarnecidos de ouro com rosas esmaltadas a azul e letras a preto e branco, o qual nos dizem que "apareceu em confissão" e que ainda existia em 1589.

Por certo, muitas vezes, a Infanta D. Maria nele buscou o confôrto da oração para vencer as agruras da vida, e a coragem para sofrer o seu longo martírio doirado que só em Deus podia encontrar refúgio.

Tão rica de bens materiais e tão pobre de carinhos!

Não sentiu nunca a doçura dos carinhos da Mãi pois que esta saíu de Portugal deixando-a com dois anos e nunca sentiu os carinhos mais doces ainda dos filhos, pois que a não deixaram casar.

Podemos, contudo, avaliar o entusiasmo com que um dia se ataviou com o vestido que recebera de sua Mãi, então Raínha de França, e com êle a pintaram num retrato que havia de enviar para a côrte francesa.

Perdeu-se êsse quadro, mas resta-nos o delicioso desenho que reproduzo, e que nos revela a Infanta em verdes anos, cheia de esperança na vida, antes das muitas desilusões que a haviam de tornar mais austera e grave.

Voltemos às jóias, das quais só descreverei algumas, omitindo a linguagem e a grafia do século dezasseis.

Um anel de ouro esmaltado a branco com uma esmeralda comprida.

Uma gargantilha de ouro formada de 14 peças; 8 destas peças tinham uma pérola grande e as outras 6 eram ornamentadas com rubis, diamantes e esmeraldas.

Referir-se-ia Jorge Ferreira de Vasconcelos a esta gargantilha quando nos descreve o trajo com que a Infanta assistia a um torneio, sentada à direita de seu irmão D. João III?

Seria esta a "gorgueyra coberta de pérolas?"

E a cinta de ouro, em que o mesmo autor fala, seria uma que a relação das jóias diz ter sido feita na Índia e ser formada de laços de diamantes e rubis? ou seria outra cinta de ouro com 36 peças ornamentadas umas com pérolas e outras com diamantes?

Esta cinta de diamantes e pérolas tinha um fecho

EL-REI D. MANUEL — Estátua orante do portal dos Jerónimos

com um diamante grande, engastado em ouro, com um cordãozinho de S. Francisco à volta esmaltado a preto, e, pendente, uma pérola grande, em feitio de pera.

O diamante e o engaste foram em 1589 avaliados em dez mil cruzados e só a pérola em dois mil e quinhentos!

Muitas outras jóias nos descreve êste documento, mas só quero referir-me a duas gemas que têm história. Destas, ao menos, conheceu-se o destino que foi talvez honroso: remir cativos.

Uma era um rubi de tão elevado preço que nunca chegou a ser avaliado; a outra uma pérola a que se atribuíu o preço de quinhentos mil réis.

Ambas foram levadas, com autorização do Cardial Infante D. Henrique — um dos testamenteiros da Infanta —, por D. Francisco da Costa, ao tempo nosso Embaixador em Marrocos, para ali promover a sua venda.

*

* *

No Museu Nacional de Arte Antiga existem uns brincos, provenientes do Convento da Encarnação — mandado fundar pela Infanta D. Maria — e que a tradição atribui à sua Fundadora. Parece-me, porém, que não podemos dar grande crédito a essa tradição, pois não só essa peça não vem descrita entre as jóias de que trata o documento que venho resumindo, como também é estranho que não figurem entre as peças que, em 1623, foram entregues em depósito para serem dadas, mais tarde, ao Convento da Encarnação.

A INFANTA D. MARIA — Desenho — Escola Francesa Séc. XVI

Quem guardou então os brincos desde 1577 — data da morte da Infanta — se os testamenteiros não nos falam neles?

Como se vê, é pouco provável que escapasse tão misteriosamente esta jóia quando se perderam tantas outras — só a Mãi lhe deu, quando, em 1557, esteve vinte dias com a filha em Badajoz, em peças e jóias, o valor de cem mil cruzados!

Pobre Infanta Dona Maria!

Depois da estadia em Badajoz volta para Portugal, conforme prometera, e, ao chegar a Évora, recebe novas da doença de D. Leonor. A Raínha D. Catarina também as recebera em Lisboa e escrevera logo ao Conde de Vimioso que acompanhara na viagem a Infanta: "que tivesse grande advertência de saber todos os recados que vinhão donde a Rainha estava, e sendo algum de ser falecida o tivesse em muito segredo, e procurasse por que a Snr.ª Infanta o não soubesse ..."e não soube a Snr.ª Infanta a nova do falecimento da Rainha sua Mãi senão aqui pela Rainha nossa Snr.ª..."

Pobre Infanta D. Maria!

ALVARO THEMUDO

PÁGINA DAS LUSITAS

ERA UMA VEZ...

Maria José Ermida

A MENINA PRESUMIDA

Querem Lusitas, saber quem é
A presumida Maria José?
Oiçam-me bem, porque vale a pena
Conhecer tão ridícula cena.

A' tal menina deu a madrinha
Que é bem extremosa e amiguinha,
Rico vestido cheio de fòlhos:
Só de o ver regalavam-se os olhos!

Mas a toleima que a anima
Indo na rua ao lado da prima
Faz com que todos, olhando p'ra ela
Fiquem a rir, de troça, ao vê-la!

E um garôto não resistiu:
Pôz-se a seu lado, andou, sorriu,
Fez uns tregeitos, deu à cabeça,
E ela, de raiva, corre e tropeça!

Prendem-se os fòlhos, cai o chapéu
Chora a menina, olhando p'ró céu!
E chega a casa envergonhada
Tôda furiosa de ver-se troçada.

Disse-lhe a prima, que é bôasita:
«Não penses mais em qu'rer ser bonita.
«Olha, cada qual, Maria José,
«Ou feia ou bonita... é como é».

Como ela era esperta não se zangou:
No dito da prima a pensar ficou...
E o certo é que desde então
Deixou de todo tal presunção!

Grande Concurso para as Lusitas

Qual é a figura da História de Portugal que mais te interessa e porquê?

A Página das Lusitas abre êste concurso já para o mês de Junho. Tôdas as respostas devem ser dirigidas a

MARIA PAULA DE AZEVEDO
RUA DE BUENOS AYRES, 10 / **LISBOA**

N. B. — É essencial dizer a idade da concorrente.

CORRESPONDÊNCIA

Queridas Lusitas

Não posso deixar de lhes mostrar a cartinha que na Páscoa me veiu às mãos acompanhando uma caixa cheia de saquinhos de amendoas para os pobresinhos! Ponham os olhos nessa prova da bondade da *Vera Maria*, que nunca esquece as crianças pobres nos dias alegres das Festas!

TIA ANICA

Minha boa amiguinha

Mando-lhe êstes saquinhos com amendoas, para os nossos meninos da Creche. Peço desculpa de serem poucos, mas agora sou eu sòsinha a trabalhar. Tenho muita pena de não ter «Abelhinhas», porque não tornei a saber das da minha Associação.
Um beijo da sua amiguinha,

VERA MARIA

A LUSITA NUNCA DEVE:

- desapontar aqueles que nela confiaram... é *horrível* deixar de merecer confiança.
- deixar de andar *sempre* muito lavadinha e arranjada: o desmazelo é o pior dos costumes.
- acostumar-se a cuspir: é nojento e ordinário.
- deixar de defender a sua Fé onde quer que a ataquem.
- esquecer que no cumprimento perfeito de todos os deveres está a Felicidade nesta vida.
- esquecer que a consciência clara é a alegria da alma.

AVENTURAS DE

Rosa Teimosa

— Oh minha Mãi do Céu, muito obrigada! Leva-me para junto dos meus pais e eu prometo nunca mais tornar a ser Rosa Teimosa!

Mas estava ainda longe o dia em que a pobre Rosinha entraria em casa dos pais...

O barco navegava depressa através do alto mar, e, com a grande vela enfunada, parecia uma gigantesca gaivota deslisando, rápida... A viver semanas seguidas naquele ar forte e puro, Rosa tornava a ter as côres sàdias de antes; e sentia uma gratidão profunda por aqueles bons pescadores que a tratavam com delicadezas enternecedoras, a-pesar-da sua rudesa.

— Porque não querem levar-me a Lisboa, Ben? — preguntou Rosa, depois duns dias passados a pescar entre céu e mar. — Aqui têm já todo o dinheiro que Omar me deu! — e Rosa entregou o saquito a Ben.

Ben coçou a cabeça e ficou um momento calado... Depois, explicou:

— Olha, Rosita, a coisa não é tão fácil como te parece. Nós andamos agora a pescar em águas portuguesas, sabes?

Rosa gritou:

— Ah! então desembarquem-me em qualquer sítio e eu vou ter a Lisboa, à minha casa. Ben, querido Ben, faz isso, sim?

Mas o rapaz, abanando a cabeça, respondeu:

— Se nos aproximamos da costa somos apanhados, presos, multados...

— De noite, Ben, sim? — suplicou Rosa.

Mas, neste momento, um apito estridente cortou o ar: e Ben correu até à ré proceder a uma rápida manobra junto ao velho arrais do barco. Passados uns momentos, o «Santa de la mar» afastava-se para o lado oposto, como se fugisse...

À noite, sentados em volta da ceia, Rosa preguntou:

— Vamos a fugir?

— Tal qual, Rosita — respondeu Ben, gravemente.

— E já estamos longe das águas portuguesas. Mas não te desconsoles: um dia havemos de te entregar aos teus pais — tornou Ben.

Rosa declarou:

— Podem estar certos, Ben, que o meu pai há-de dar-lhes uma quantidade de dinheiro e com que gôsto!... — acrescentou, para não os melindrar.

O «Santa de la mar» era um bom barco; mas passados dez dias depois daquela conversa um enorme temporal caiu sôbre êle e parecia querer desfazê-lo!

Rosa, deitada no abrigo, rezava baixinho. Os homens, atentos às manobras, receiavam a todo o momento vêr caír o mastro grande e partir-se o leme... A noite, muito escura, nem os deixava verem-se uns aos outros! O vento transformava-se pouco a pouco em verdadeiro furacão; as ondas levantavam-se como montanhas... Um enorme estrondo emudeceu de mêdo aqueles homens valentes: partira-se o leme!

Agora, iam ao sabor das ondas, sem rumo, entregues só à vontade de Deus. E assim se passou aquela noite tormentosa.

Felizmente, porém, diminuia a fôrça do vento; abrandava a fúria do mar, e, quando raiou uma madrugada triste e sem sol, o «Santa de la mar» estava imóvel envolvido num nevoeiro cerrado...

— Malo, mui malo... — murmurava o arrais.

— Onde estamos? — preguntou Rosa.

Ben pegou numa bússola pequenina e respondeu:

— Fomos atirados para Leste. Não sei mais nada!...

E dias passaram, que começavam a ser aflitivos: pois os víveres já tinham de ser poupados e a água doce, a preciosa e indispensável água doce, ia diminuindo ràpidamente...

— Vou rezar a Nossa Senhora de Fátima — declarou Rosa, ajoelhando devotamente.

E mais uma noite passou naquela imobilidade trágica, envolvidos na cerração como num véu fúnebre...

— Rosita — disse Ben uma noite, mergulhados todos num desânimo profundo e não podendo aqueles pobres homens já disfarçar a apreensão em que viviam — já pensaste na possibilidade de sermos torpedeados por algum submarino?...

Rosa deu um grito de terror:

— Não! Não, Ben! Não é possível...

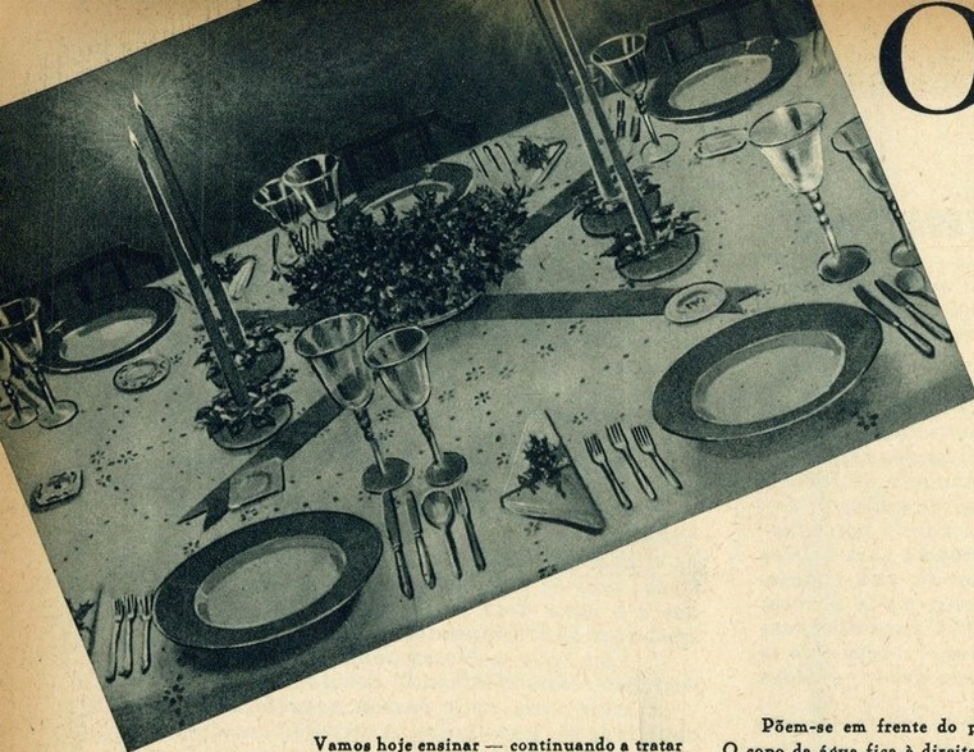
Um silêncio completo, foi a resposta. E, a noite, — continuou, triste, sinistra, impenetrável...

Rosa pensava, agarrada com Fé à sua medalha de Nossa Senhora:

— Torpedear um barco de pesca? Para quê e porquê? Tão estúpidos não serão os do submarino em gastar um torpedo connosco. Nossa Senhora valei-nos!

E sentia voltar a sua coragem rezando, devotadamente, Avè-Marias sucessivas...

Com as velas içadas, o barco ia seguindo lentamente, envolvido pelo nevoeiro... Devia ser já madrugada e uma luz baça de tons amarelados parecia querer dissipar a névoa, quando o «Santa de la Mar» deu um verdadeiro pulo, enquanto se ouvia um estrondo assustador, junto aos gritos apavorados dos homens e de Rosa; e estilhaços de madeira, saltaram ao ar, impelidos por uma fôrça enorme!

(Continua)

O LAR

SALA DE JANTAR

Vamos hoje ensinar — continuando a tratar da sala de jantar — como se põe a mesa.

Toalha

O uso do oleado na mesa não é recomendável, porque o oleado é frio e desagradável. Mais vale uma toalha dum tecido barato, que poderá ser de algodão, riscado, aos quadrados, etc.

O que importa é que a toalha esteja sempre bem lavada e engomada. E' tão feia uma toalha enxovalhada, amarrotada, encardida ou com nódoas!

Para os dias de festa devemos ter uma toalha melhor, bordada ou enfeitada com rendas.

Ha quem use, mas não é prático, em vez de toalha, naperons, um em cada lugar.

No centro da mesa, quando a toalha não é por si mesmo enfeitada, costuma pôr-se um pano bordado.

Lugares

As pessoas não devem ficar demasiado apertadas à mesa. Deve-se deixar entre cada lugar pouco mais ou menos 60 c.^{mos} para se estar à vontade.

Os lugares de honra são, para os homens, à direita e à esquerda da dona da casa; para as senhoras, à direita e à esquerda do dono da casa. Os donos da casa sentam-se ao meio da mesa, em frente um do outro.

Como se enfeita a mesa

O mais lindo ornamento duma mesa são as flores. As flores devem ser colocadas numa jarra baixa para não impedirem as pessoas de se verem e conversar.

Nos jantares de festa podem espalhar-se flores pela mesa, formar com elas raminhos ou grinaldas, colocá-las sôbre o guardanapo, etc.

Está na moda enfeitar também as mesas com estatuetas artísticas, figuras graciosas de animais, etc. Mas quem não tiver objectos artísticos, não deve substitui-los com boisinhos de barro ou coisa parecida! Fiquemos só com flores e ficaremos bem!

Também se fazem ornamentações interessantes com frutos.

Pratos

Os pratos não se devem pôr a caír da mesa, nem muito afastados da borda.

Também já se não usa, como antigamente, pôr uma rima de pratos em cada lugar. Só se põe um prato que se vai substituíndo a cada nova iguaria.

Talheres

A' direita do prato põe-se a faca e a colher; à esquerda o garfo. Havendo peixe e carne põem-se os dois talheres diferentes.

Copos

Põem-se em frente do prato e conforme as qualidades dos vinhos. O copo da água fica à direita; seguem-se-lhe os copos de vinho pela ordem em que os vinhos fôrem servidos: vinho de mesa, vinho do Porto, licôr, etc. A taça para o *champagne* pode pôr-se atrás dos copos.

Se os copos não andam a uso, deve-se reparar bem se estão embaciados e, nesse caso, passam-se por água e enxugam-se bem para ficarem brilhantes.

Garrafas

Em jantares de cerimónia não se põem as garrafas sôbre a mesa; ficam sôbre o aparador e é a criada que serve o vinho.

Galheteiros

Os galheteiros também ficam sôbre o aparador e só aparecem quando são precisos. Os saleiros e os pimenteiros colocam-se sôbre a mesa e, sendo esta grande, deve haver vários.

Fruta

A fruta pode pôr-se sôbre a mesa ou não; é uma questão de gôsto. Em geral, nos jantares de cerimónias, fica sôbre o aparador em fruteiras onde se coloca depois de a ter limpo ou lavado, se fôr necessário. Quando se coloca a fruta nas fruteiras deve-se ter cuidado em a pôr de modo que não caia quando se tira algum fruto.

Doces

Já se não usa pôr as travessas com doces sôbre a mesa (por exemplo, arroz doce, pudins, etc.)

Colocam-se apenas sôbre a mesa pequenos pratos com bombons, frutas cristalisadas, etc.

A manteiga, azeitona, conservas, etc., também se colocam sôbre a mesa em pratinhos.

Guardanapos

Se não ha sopa, colocam-se sôbre o prato, com o pão escondido numa dobra. Se ha sopa, ficam à esquerda do prato.

Já se não usa dobrar o guardanapo com feitios extravagantes, quer seja em cima do prato, quer seja dentro do copo — como noutros tempos!

Dobra-se simplesmente em quadrado, pondo em destaque as letras bordadas, se as teem.

Sôbre o aparador

Devem ficar os pratos em número suficiente para serem mudados. Se houver poucos pratos e não chegarem para serem mudados sem serem lavados alguns daqueles que já serviram, deve evitar-se que voltem quentes para a mesa.

Também se colocam sôbre o aparador os pratos da sobremesa (fruta e doce) com os respectivos talheres.

Onde existam *lavabos*, levam-se para a mesa em cima do prato do doce, sôbre um pequeno naperon.

TRABALHOS DE MÃOS

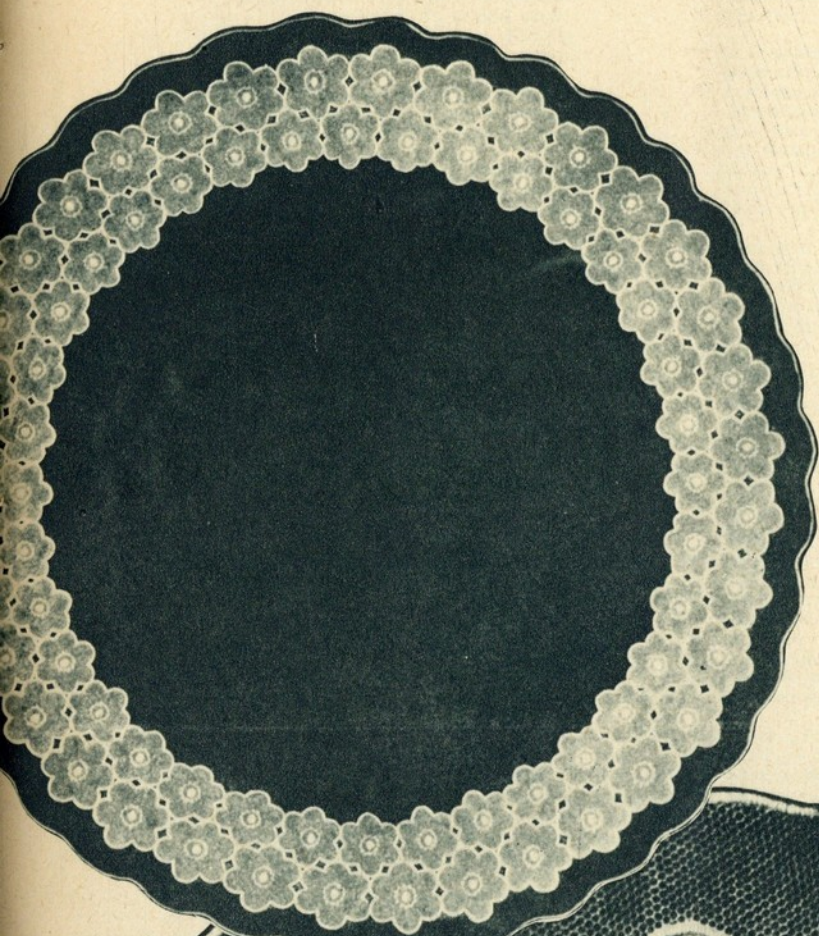
CENTRO DE MESA REDONDO

Os bordados a côres são alegres e bonitos, mas os bordados a branco são sempre apreciados.

O modêlo que hoje damos é muito simples, mas dá um belo resultado depois de feito : é fino e gracioso.

O fundo é em tule e as aplicações que formam a cercadura são em organdi, presas com ponto de recorte. O centro da flor é uma bola, a cheio, rodeada por nòzinhos.

A tôda a volta do tule, para rematar, faz-se um recorte.

Este centro de mesa, nas dimensões que o damos, tem 70 cm. de diâmetro.

UMA REPARAÇÃO

Numa época em que apenas os estudos devem preocupar-nos e em que os poucos momentos livres os consagramos à Mocidade Portuguesa, torna-se difícil prestar atenção aos livros que continuadamente enchem as montras das livrarias.

Um professor nosso aconselhou-nos a leitura de um notável livro de história, escrito com admirável verdade, singeleza e vernaculidade; trata-se das «*Erratas à História de Portugal*» recentemente aparecido.

A falta de tempo não nos permitiu, com sinceridade o confessamos, a leitura de tôda a obra, mas escolhemos aquela das «erratas» que mais podia falar ao nosso espírito de católica e de mulher portuguesa: a da revisão do reinado da senhora D. Maria I. Longe de nós a ideia de virmos nas páginas desta nossa querida revista impingir às nossas colegas uma compacta e científica lição de história. O nosso fim é mais delicado e mais atraente: são apenas dois traços colhidos na leitura da biografia da virtuosa rainha que aqui deixaremos vincados.

Tôdas vocês sabem que D. Maria I foi filha dos reis D. José e D. Mariana Vitória, senhora de grandes virtudes que soube incutir no coração de seus filhos o amor da religião que aprendera de seus pais e o da Pátria a quem ligara o seu nome, ao desposar-se com um príncipe português.

E é através das páginas dêsse livro, cuja leitura vos indico, que nós vemos com estranheza desabrochar e desenvolver-se essa mimosa flor que era a D. Maria Francisca Josefa, em um terreno bravio e abatido pelos vendavais da irreligiosidade, da violência e do ódio, que foi o reinado do rei seu pai completamente dominado pela ambição de um ministro que enlutou tantos e tantos lares de honrados portugueses.

Só um espírito superior, auxiliado por uma arreigada educação religiosa poderia atravessar impoluto uma época tão atribulada; o suplício dos Távoras, acusados dum crime que não cometeram; a oposição feroz ao casamento da princeza com D. Pedro, mas que a Providência resolvera dar-lhe por marido, para que se juntasse essa dupla bondade que havia de vir suavisar as agruras dos inocentes entaipados no forte da Junqueira; o destêrro em Queluz do próprio D. Pedro em quem o implacável ministro via um inimigo; e por fim a expulsão dos jesuitas, a que a Pátria devia os mais assinalados serviços, tudo isto a excelsa princeza suportou com cruciante dor, mas de coração imaculado.

Nobilíssimo exemplo o dessa mulher que soube mais tarde aliar à sua qualidade de rainha o dever de filha, procurando reparar o mal feito pelo autor dos seus dias, sem que o seu nome fôsse manchado pela lama com que os oitocentos sobreviventes das prisões do estado tinham sido cobertos tantos anos pelo feroz ministro.

E é esta figura de mulher portuguesa que consegue atravessar uma das mais difíceis épocas da nossa história envolta num véu de imaculada alvura, cultivando a arte, enchugando as lágrimas dos infelizes e preparando um reinado, que dentro de tôdas as infelicidades a que a Providência o quiz sujeitar, foi o último do velho tradicionalismo português. Por isso a resolução agora tomada de prestar homenagem à grande rainha reconstituindo a sua estátua dispersa pelo vendaval da ingratidão e da indiferença, tem de encontrar no coração de cada uma de nós, raparigas portuguesas, uma entusiasta, vibrante e sincera.

Sirvam de epígrafe, que sintetise o reinado desta princesa, as palavras de um seu contemporâneo:

«Respeita V. Magestade a Igreja, mas sem perder os direitos da soberania; porque V. Magestade não confunde o que se deve a Deus com o que Deus quis que se devesse a V. Majestade».

Maria Helena Mayó Drummond
Centro 27 — Chefe de Castelo

É tão linda a neve!

(A propósito do artigo do Boletim n.º 10: Neve!)

A neve é linda! É certo, tem razão!
Seu vestidinho branco de encantar,
Embranquece também o nosso olhar,
Mas no entanto gela o coração!

Amendoeira em flôr! Que sedução!
A neve não se pode comparar,
Pois tem aqui e ali p'ra completar,
Uma rosa vermelha em cada mão!

E os pobres Finlandeses combatendo,
Debaixo dessa neve vão sofrendo,
P'ra defender a Pátria, o seu amôr!

E defendem com fé e valentia,
Mas eu recordo mais com alegria,
A sedução da Amendoeira em flôr!

LIRIO NEGRO
Fevereiro de 1940 — *Filiada do Centro n.º 1*

A Joana de Avelar

Semelhante a uma Santa de vitral,
Bela imagem, que apetece adorar
Destaca-se, Joana de Avelar,
Dentre as grandes mulheres de Portugal.

Depois de ter sentido a dôr brutal
Da perda de dois filhos, a lutar
É ela que o terceiro quere enviar,
Num rasgo de amor sobrenatural.

Olhos sêcos, brilhantes, sem chorar,
Sacrificando mais que própria vida,
Três vezes se deu à Pátria querida.

Tentemos seu exemplo imitar!
Saibamos encobrir nossas tristezas!
Saibamos ser mulheres e portuguesas!

Filiada n.º 13601 (Centro n.º 65)
(Universitárias)
M. G. S.